

no Foro Regional da Barra da Tijuca. E essa é a explicação com relação às indenizações com relação à responsabilidade civil.

Com relação à responsabilidade criminal, não sou eu que atuo nesse caso especificamente, é outro representante do Gaedest, do grupo ao qual eu faço parte. O inquérito foi encaminhado pela primeira vez ao Ministério Público em junho do ano passado; e foi feita uma devolução com o pedido de oitiva de cinco testemunhas, e documentos pendentes. O inquérito retornou e em dezembro novamente se considerou que ainda faltava oitiva de testemunha e alguns documentos; e o inquérito retornou ao Ministério Público essa semana e os promotores responsáveis pelo caso no âmbito criminal irão avaliar, então, analisar o inquérito e avaliar se há hipótese já de oferecimento da denúncia.

A SRA. RENATA SOUZA - Sr. presidente, se me permite, só para a gente não perder o fio que a doutora do Ministério Público do Trabalho veio trazendo. Ela nos disse que falta uma regulamentação que possa caracterizar o que seriam essas habitações. Parece-me que nós, enquanto deputados, poderíamos fazer o esforço coletivo de pensar uma regulamentação junto com o Ministério Público do Trabalho para que a gente possa apresentar um projeto de lei; além dos deputados da CPI eu disponibilizo o meu nome para a gente assinar juntos. Mas fazer esse esforço também para que possamos regular todos os outros clubes. A gente não quer que isso aconteça com quaisquer clubes. A gente quer que esses jovens estejam vivos e que todo o processo de prevenção a uma tragédia, a uma barbaridade como essa possa ser articulado.

Então, em termos de legislação, vocês podem contar conosco nesse sentido.

A SRA. DANIELE - Esclarecendo que essa situação de adolescentes vivendo longe dos pais é excepcional, e por isso não foi contemplada no ECA. Porque a lógica é o filho adolescente vive sob a guarda de seus pais na residência familiar. Agora, a gente não pode ignorar essa realidade, que existe e está no limbo. A gente aplica a legislação trabalhista, mas é necessário aplicar também a legislação protetiva de crianças e adolescentes. Existem, a partir do incêndio do Flamengo, iniciativas legislativas no Congresso Nacional destinadas a isso. E seria uma maneira de essa tragédia toda não ser em vão; que renda, gere frutos no sentido de proteger os que ainda virão, já que os filhos de vocês infelizmente não foram devidamente protegidos. Mas eu acho que seria interessante também, a par dessa iniciativa federal que no Rio de Janeiro, ao menos, tivéssemos essa proteção. Talvez seja mais fácil conseguir por aí. O Ministério Público do Trabalho e Ministério Público do Estado estão à disposição para essas tratativas.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A gente, de antemão, já se coloca a criar um grupo de trabalho para fazer um PL não só com a deputada, mas também convida a Comissão de Direitos Humanos, para que a gente consiga fazer isso com serenidade, também de forma bem técnica, fruto da comissão e também da deputada, para que a gente consiga não passar mais isso.

Eu ia fazer uma pergunta para o dr. Pedro, mas como o horário já está se estendendo, eu fiquei convencido com diversas informações que o senhor deu, inclusive que o Flamengo iniciou uma tratativa com o Ministério Público para fazer um acordo com todos e um acordo de grande porte, e depois acabou preferindo fazer de forma individual com cada família.

Eu queria passar a palavra para o sr. Reinaldo Belotti. Primeiro, agradecer a sua presença, iniciar ouvindo o Flamengo, como o Flamengo está tratando essa situação junto às famílias. A gente ouviu aqui as advogadas, aliás, duas advogadas de duas vítimas fatais e um advogado de uma vítima que está hoje, como ele bem disse, morto-vivo diante da situação dele, dizendo que a situação junto ao Flamengo é muito ruim na negociação; as outras nem negociação conseguiram ter. E, também, pedir que o senhor pudesse responder. Uma mãe aqui do nosso... Wedson e Sarah, pais do Pablo, se poderiam amanhã, no dia da sua, completando um ano, ir ao Ninho do Urubu fazer as suas orações, enfim, as suas preces. O advogado falou que deveria consultar o Flamengo, diante de ser um local de treinamento. Mas acredito que a dor da família seja até maior do que isso.

Então, por favor, o senhor tenha a palavra. Obrigado.

(Fala fora do microfone)

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não.

A SRA. PAULA WOLF - É só uma ressalva, para a gente deixar claro, uma coisa para ficar muito bem clara principalmente para a sociedade, da forma como é colocada essa negativa das famílias que não fizeram acordo. Todas as famílias, cem por cento das famílias aceitaram a proposta do Ministério Público e da Defensoria Pública, cem por cento. Quem não aceitou foi o Flamengo.

Então, isso é importante ser dito porque essas propostas partiram do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro e não dos advogados. E eles colocam como se nós advogados como sendo entaves a chegarmos a um acordo, quando na verdade quem não aceitou o acordo proposto foi realmente o Flamengo.

Era isso que eu queria ressaltar. Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Com a palavra o dr. Reinaldo Belotti.

O SR. REINALDO BELOTTI - Boa-tarde a todos. Eu vou responder a todas as suas perguntas, mas gostaria de fazer só um pequeno histórico aqui. Eu não quero, longe de mim, fazer juízo de valor, até porque nós vimos aqui pessoas de extrema competência analisando o que aconteceu. Mas, só fazendo um histórico, o Flamengo de fato tinha aquele alojamento com seis quartos, 26 garotos naquele dia, naquele fatídico dia lá; não tinha sistema de incêndio, não tinha sistema de detecção de fogo, mas não é que não devia ter, não era obrigatório ter. O Flamengo não estava ali indo de encontro a nenhuma regra, a nenhum procedimento, a nada que existisse. Agora, é bom frisar também o seguinte: não era simplesmente um alojamento onde os adolescentes estavam dormindo. O Flamengo tinha, por procedimento, naquela área ampla que se chamou de convívio, ali tinha uma poltrona, uma televisão, um lugar de tomar água, onde um monitor ficava durante todo o período que os adolescentes estivessem dormindo. Ou seja, apesar de não ter a proteção de fogo, mas tinha alguém, pelo menos por procedimento, para cuidar dessas crianças. O Flamengo estava convencido de que ele tinha ali a guarda das crianças e tomou todas as providências para que isso fosse preservado até o último momento. Mais uma coisa que eu queria deixar bem clara, é o seguinte: no dia 6 de fevereiro de 2019 aconteceu no Rio de Janeiro, eu não sou carioca, não nasci aqui, mas de todos os vendavais, de todas as tempestades que aconteceram no Rio, parece que se não foi a maior foi uma das maiores. Eu passei o dia 7 de fevereiro junto com o nosso pessoal praticamente reconstruindo a Gávea, que é um lugar bastante abrigado. O que aconteceu no Ninho? Nós tivemos vários, e não foi um nem outro não, relatos de quedas de energia uma atrás da outra. Aquele contêiner que estava lá, ele já estava lá há algum tempo. Ele se mostrava adequado para aquela situação de normalidade. Ele não suportou todas as sucessivas quedas de energia que aconteceram naquele período. E o que aconteceu no contêiner, em muito menores proporções, aconteceu também em outros lugares, outros ares condicionados também pegaram fogo, inclusive em hotéis da região. Nós temos relato, eu não sei qual é, de um estúdio de televisão que fica nas redondezas, mostrando que toda hora caía a energia. Nós vimos durante o nosso trajeto, naquele fatídico dia, árvores caídas em cima de linhas de energia. Os nossos geradores foram acionados. Em suma, tudo isso aconteceu. A verdade é que durante a fase do inquérito nós pedimos reiteradamente informações à concessionária de energia elétrica e não conseguimos obtê-las. Então, até porque não competia a nós do Flamengo fazer esse tipo de análise, nós deixamos isso de lado. Mas não sem alertar a todos de que era uma possibilidade. Volto a insistir, era o mesmo mantenedor dos ares condicionados que estava lá desde o começo, eram os mesmos ares condicionados que estavam instalados lá desde o começo, era o mesmo contêiner.

Outro fato que aconteceu, foi o seguinte. Naquele dia, especificamente naquele dia, aqueles garotos tinham sido convidados para fazerem um teste do VAR no Maracanã, então, eles estavam extremamente eufóricos com esse negócio. E temos relato de que eles ficaram com os familiares até tarde trocando mensagem. É provável, e

isso daí volta a insistir, não é juízo de valor, é provável que naquele momento eles estivessem no auge do sono pelo fato de terem ido dormir mais tarde. E, comprovadamente pelos inquéritos, também não é juízo de valor, o monitor não estava lá.

Bem, feitas essas considerações iniciais, eu entendo perfeitamente, isso está claro para todo mundo, a dor das famílias. Isso é também doloroso para o Flamengo como instituição. E é especialmente doloroso para um conjunto grande de empregados do Flamengo que conviviam com aquelas crianças. Nós tínhamos um diretor de futebol de base que era como se fosse um segundo pai daqueles meninos. A turma do Flamengo ficou extremamente comovida com tudo o que aconteceu. O Flamengo, desde então, volto a insistir, nós podemos ver algum tipo de exceção no que eu vou falar, porque existe. Quando você faz um procedimento para cuidar de um acidente de tão largas proporções, pontualmente você pode falhar. Mas nós entendemos, nós pretendemos naquele momento, usando os melhores especialistas que nós tínhamos no clube e fora do clube, nós pretendíamos naquele momento fazer um amplo programa de acolhimento aos familiares, e de resolver o problema o mais rápido possível dentro de uma dinâmica que nós entendíamos como razoável. Nós trouxemos todas as famílias que quiseram vir para cá, alojamos todas as famílias que quiseram, prestamos todos as ajudas psicológicas, financeiras, etc., naquele primeiro momento. Depois disso, nós tivemos três categorias, as fatais, e eu vou falar em seguida; três jovens que se acidentaram e tiveram que ficar sob cuidados médicos, desses, dois já estão totalmente liberados; e um, o Jonas, ainda está sob supervisão médica e supervisão do Flamengo, mas recebendo toda e qualquer ajuda que ele precisa, toda e qualquer, nós não medimos qualquer tipo de esforço. Os outros dez que estavam lá e que... Deixa eu fazer conta, os outros 13 que estavam lá e que não sofreram nenhum tipo de problemas físicos, nós fizemos os acordos com as famílias e já foi resolvido. Continuamos prestando, sempre que solicitado ou sempre que verificada pelos nossos psicólogos essa necessidade, continuamos prestando assistência a esse pessoal.

Por fim, e mais importante, as dez vítimas fatais. O que o Flamengo pretendia naquele momento e continua pretendendo até hoje, é resolver isso da maneira mais rápida possível. Mas esse é um tema extremamente delicado porque se diz, e com justiça, que não o dinheiro não vai pagar a vida dessas crianças, não vai. Nem o dinheiro que o Flamengo está oferecendo, nem o dinheiro que o Ministério Público sugeriu, nem o dinheiro que os familiares estão pedindo. Nenhum desses vai. Mas nós estamos entendendo que existe uma possibilidade de fazer um acordo onde as famílias fiquem razoavelmente assistidas. E nós conseguimos fazer isso com três famílias, temos acompanhado, eles estão bem assistidos. E com outra família que era composta por pais e mães separados e que nós acertamos com um deles, que também continua. As demais, infelizmente, nós não conseguimos. Mas, volto a insistir, o Flamengo está disposto a continuar insistindo em fazer isso o mais rápido possível.

(Falas fora do microfone)

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não.

(Falas fora do microfone)

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Reinaldo seu nome?

O SR. REINALDO BELOTTI - Reinaldo.

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Reinaldo, boa-tarde. O meu nome é Wedson, deixa eu te falar uma coisa. Nós viemos para essa CPI para nós falarmos a verdade. Tá? Igual você citou aí que o Flamengo está dando todo o apoio para a família. Eu fiquei sabendo que o meu filho morreu através da mídia. A mídia é que me falou que o meu filho tinha morrido. Sabe? Amanhã faz um ano e eu nunca recebi uma ligação, nem um bom-dia, nem um boa-tarde. Eu recebi uma uma cheia de cinzas, que eu não pude dar um abraço, eu não pude dar um beijo, eu não pude despedir do meu filho! Então, vamos falar a verdade. Não vamos constituir CPI com mentira não! Eu tenho um ano, vai fazer amanhã, que eu não sei o que é ter uma noite de sono! Um motorista que rodava 700, 800 quilômetros para receber um telefonema do filho. O Flamengo entregou o meu filho no caixão.

Então, vamos falar a verdade, vamos ser claros. Não vamos tampar o sol com a peneira não. É isso. Você falou que tinha criança que estava falando na internet onze horas. Você teve acesso? Sendo que os celulares tudo queimou no fogo, virou cinza. Qual o acesso que você teve, qual a garantia que você teve de que as crianças estavam conversando?

E outra coisa que eu falo para você. Tinham 26. Se o seu monitor estivesse lá, não tinham morrido os dez. Eles poderiam ter inalado fumaça.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Só para concluir, sr. Wedson, para a gente continuar ouvindo o sr. Belotti.

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Pede a ele para falar a verdade. O Flamengo nunca prestou nada. Não está prestando.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Ele está aqui como testemunha. Assim como ele, vale para todos. O juramento...

O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Não pode ser falso. Eu não posso dar um testemunho falso.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A gente entende o senhor, mas a gente precisa prosseguir e precisa ouvir todos. Todos aqui estão sob o Artigo 342 do Código Penal, têm que falar a verdade. Caso o senhor Belotti e qualquer outro que não fale e seja aqui diagnosticada a inverdade, vai sofrer os procedimentos legais. Mas precisa garantir a palavra do sr. Belotti, que tem a posição dele. Aqui a gente não é um tribunal de inquisição. Não estamos aqui para ficar do lado nem de A nem de B. Estamos aqui para tentar buscar a melhor solução, buscar a verdade, e fazer o inquérito e o relatório dessa comissão de forma transparente, de forma clara, e de preferência que leve os autores, não só no caso do Ninho do Urubu, mas tantos outros que aconteceram.

Eu vou passar novamente a palavra para o dr. Reinaldo. A pergunta que nós fizemos anteriormente. Os pais pediram para amanhã irem ao Ninho do Urubu para fazerem uma oração, enfim, fazem o ritual religioso que eles acharem necessário; e o advogado disse que não poderia dar essa autorização sem conversar com a gestão do clube. O senhor, como CEO, o senhor poderia responder se eles estão autorizados, ou não, a irem amanhã?

O SR. REINALDO BELOTTI - Posso, sim. Agora, antes, eu queria... Esse relato de que os garotos ficaram falando com os familiares, eu não ouvi pessoalmente, mas os funcionários do Flamengo ouviram isso dos sobreviventes.

O SR. RODRIGO AMORIM - Mas qual a relação lógica disso?

O SR. REINALDO BELOTTI - Não, é porque foram dormir tarde.

O SR. RODRIGO AMORIM - O que muda a história? Ficar falando se estava dormindo, se estava fazendo outra coisa, ou lendo. No que muda, para o caso específico?

O SR. REINALDO BELOTTI - Absolutamente nada. Só que, se isso é verdade, no momento do incêndio eles estavam num sono mais profundo.

O SR. RODRIGO AMORIM - E a questão do monitor que estava ausente? Relação nenhuma.

O SR. REINALDO BELOTTI - Só estou relatando. Nada, absolutamente nada.

A SRA. RENATA SOUZA - Se me permite, por favor. Primeiro, o fato de eles estarem no celular ou estarem um sono profundo não pode ser justificativa para dizer que eles não tiveram agilidade necessária para correr. Porque antes disso tem uma situação de segurança para esses jovens, ali, concretamente. A situação de segurança. E o senhor mesmo nos relatou aqui que não tinha sistema de incêndio, que não tinha sistema de detecção de fogo. Ou seja, se esses jovens estavam em seu sono mais profundo. E nós sabemos que um treinamento de um jovem, ele não é superficial, um jovem que precisa de alta qualidade para correr um campo, enfim, ele é um atleta. Exatamente por isso ele precisava descansar; e precisava descansar em um lugar que assegurasse a vida dele.

Então, nada justifica se ele estava, ou não, em sono profundo, se ele estava... Nada justifica. Não tinha sistema de incêndio e

isso levou a um processo de vulnerabilização desses jovens, muito maior. Isso é que está em questão. E está em questão também da possibilidade de o Flamengo se apresentar de maneira concreta para esses familiares que sentem dor, que não vão ter a vida dos seus filhos de volta, que não há reparação que o clube possa oferecer ou que o estado possa oferecer que supere essa dor; e, portanto, o clube precisa ser responsabilizado, e precisa ter responsabilidade com essas famílias. Eu acho que é isso o que está em questão aqui.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Com relação ao que o senhor estava falando com relação ao pedido da família sobre amanhã ir ao Ninho do Urubu.

O SR. REINALDO BELOTTI - Sim. O nosso CT, além de... O nosso time principal, ele tem lá a sua, ele fica lá até o jogo... Amanhã nós temos um jogo às 18 horas contra o Madureira. Então, até às 16 horas não dá para abrir o CT. Mas, a partir das 16, fica desde já autorizado ir lá acender a vela aquela família que pediu.

(Falas paralelas)

(Falas fora do microfone)

O SR. RODRIGO AMORIM - Doutora de fato a gente não tem poder de compeli o Flamengo.

A SRA. MARIJU MACIEL - Eu sei. Mas é inaceitável isso!

O SR. RODRIGO AMORIM - Essa comissão não tem poder de coerção, tampouco de obrigar o Flamengo. É uma instituição privada.

(Falas paralelas)

(Falas fora do microfone)

O SR. JORGE FELIPPE NETO - Eu quero até fazer um testemunho aqui, tanto do dr. Belotti quanto do Aleksander, o quanto já foram contributivos na Comissão Especial do Futebol, tenho muito respeito por eles. Acho que essa decisão pode ser possibilitada, mas, na medida do possível, dispensar o mesmo tratamento ao nobre CEO do Flamengo, que sempre destinou a essa Casa, sempre foi...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Eu acho que a gente pode...

O SR. RODRIGO AMORIM - Nós fizemos inclusive essa preliminar aqui, sr. Belotti, agradecendo a sua presença sempre em diversos momentos, em diversas comissões.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A gente pode fazer...

O SR. RODRIGO AMORIM - Assuntos graves, mas o senhor sempre presente, assim como também do Aleksander Santos. Sempre tiveram um o tratamento cordial com a Casa.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - A gente pode fazer um acordo que eu acho que, eu duvido que seja o treinador, o diretor, o vice-presidente de futebol Marcos Brás ou qualquer outro seria contrário a uma simples homenagem, que não vai interferir em nada.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sem imprensa.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Sem imprensa, sem nada. E isso tem que ser um compromisso também junto à família. Algo simbólico, meia hora, 40 minutos, para eles serem o suficiente. Eu acho que isso também demonstra do Flamengo Uma boa vontade em querer sair, por mais que nunca isso vá ser apagado da memória nossa, quanto mais da família, eu acho que não tem problema nenhum. Eu sei que o senhor é pai de filhos, assim como outros.

Então, pedir mais uma vez que o senhor interceda junto ao departamento de futebol. É uma simples homenagem. Eu acho que a família pode chegar lá, eu acho que um funcionário do Flamengo pode acompanhá-los, enfim, uma coisa simbólica. Eu acho que aqui todos nós somos pais e sabemos do sofrimento que causa. E, também, como sugestão ao Flamengo, a gente tem ouvido aqui as famílias dizendo que não têm contato, que não conseguem de forma alguma chegar a um entendimento com o Flamengo pelo simples fato de não ter sequer diálogo. Sei que o Flamengo tem um entendimento com relação a valores, a família tem outro; sabemos que valores não trazem a vida de volta, mas é importante que essas famílias sejam assistidas, e, inclusive, esses recursos vão ajudar até nos tratamentos psicológicos e tantas outras coisas. Gostaria de sugerir ao Flamengo que enquanto fizesse isso, se fosse mais benevolente, que talvez fizesse uma partida no Maracanã, que é do estado, diga-se de passagem, uma partida beneficente, junto à Seleção Brasileira, acho que a CBF não teria problema nenhum juntar e pegar essa renda e destinar às famílias. A gente teve renda do Flamengo, por exemplo, esse ano, de oito milhões. E tenho certeza que de alguma forma, enquanto está se debatendo isso, ajudaria. Ou seja, é só mais uma forma de tentar chegar a construir entendimentos, construir formas de buscar o melhor conforto possível para a família. E mais uma vez pedindo ao senhor que retransmita ao departamento de futebol, até porque a gente sabe que a imprensa toda está aqui, e o que vai repercutir é que o Flamengo não deixou uma simples família fazer algo que é mais sagrado para qualquer um que perde um ente querido.

Então, pedir mais uma vez ao senhor que possa transmitir isso. E também agradecer a sua presença. Caso queira contribuir com mais alguma declaração, o senhor está com a palavra. Fique à vontade.

A SRA. DANIELE - Sr. presidente, posso fazer uma pergunta breve e objetiva para o sr. Reinaldo?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não.

A SRA. DANIELE - Sr. Reinaldo, só um esclarecimento. O senhor falou que havia 26 jovens no local, né? Foi mostrado pela perícia que eram seis cômodos, seis quartos, com quatro camas cada um, que resulta em 24 leitos. Onde estavam os outros dois acomodados?

O SR. REINALDO BELOTTI - Eu não tenho certeza que eram quatro. Eu acho que eram seis lugares por camarote. E ele não estava completamente cheio.

A SRA. DANIELE - Estava todo mundo no contêiner? Todos os 26?

O SR. REINALDO BELOTTI - Todo mundo no contêiner. Todo mundo no contêiner.

A SRA. DANIELE - Obrigada.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não, deputado Rodrigo Amorim.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. Belotti, o senhor diz que não houve transgressão do Flamengo no sentido de não respeitar sinalização de fumaça ou outro equipamento de emergência, mas quando o senhor assume o comando do Flamengo, e ficou claro aqui pela exposição, sobretudo da apuração do inquérito, que a formatação do Flamengo hoje é uma formatação de empresa. Na verdade, desde a gestão anterior, do ex-presidente. Então, o CEO do Flamengo é o grande responsável pela execução daquilo que o conselho deliberativo do clube, que o corpo diretivo do clube estatutário determina. Razão pela qual, sr. presidente, eu acho fundamental, haja vista que faremos na próxima semana a continuidade dessa assentada, eu acho fundamental que da mesma forma que sempre cordial, sempre contributiva, o sr. Belotti como CEO do Flamengo esteve, é fundamental que o CEO da gestão anterior também esteja. Porque já ficou claro aqui que nós tivemos algumas questões envolvendo o Flamengo, sobretudo da ordem das multas, das interdições requeridas pela Prefeitura do Rio de Janeiro, e também pelo Corpo de Bombeiros, é necessário que o CEO do Flamengo como gestor explique essa questão, explique a transformação naquele momento dos módulos habitáveis em dormitórios, que explique como se deu a manutenção do ar condicionado, que explique uma série de fatores que estão... Essa CPI caminha para que o entendimento seja formatado.

Então, a minha pergunta, sr. Belotti, de forma objetiva, é que houve, pelo menos na minha breve análise, transgressão, sim, a partir do momento que aquela localidade não tinha habite-se, não tinha nenhuma documentação pertinente por parte da prefeitura e também não tinha autorização do Corpo de Bombeiros. Então, por si só, o responsável por aquele espaço assumiu o risco de receber os jovens, improvisar naquilo que eu chamei de uma "jaula", na verdade aquele contêiner é uma jaula fechada, gradeada. Então, claro que houve transgressão.

Então, saber se o senhor tinha conhecimento de que não havia nenhuma documentação que desse autorização para que o Flamengo custodiasse aqueles jovens ali naquela localidade.